

Para a saúde, seria bom tentar com os doidos

Alguém precisa botar ordem na discussão do problema da saúde brasileira. Enquanto o governo finge que a questão dos reajustes dos planos médicos é uma questão de segundo escalão, continua-se a propagar uma mitologia destinada a encobrir um sistema predatório, construído em cima da falta de uma política pública para o assunto.

O Brasil não gasta pouco com saúde. Juntando-se os R\$ 20 bilhões do Estado aos R\$ 10 bilhões que a sociedade paga aos serviços de seguro e medicina privadas, os brasileiros desembolsam 5% do Produto Interno Bruto por ano. O Japão gasta 6,7% e a Alemanha, 8%. As coisas não funcionam direito porque se armou uma barafunda na qual se privatizou uma parte do serviço público (70% dos leitos de hospitais alimentados pelo SUS



são privados) e se estatizou o pedaço caro dos serviços privados (os hospitais públicos ainda tratam de graça os clientes das empresas particulares). Nenhum convênio privado cacifa doente que pre-

cise regularmente de hemodiálise.

O governo, que gosta tanto de medidas provisórias, recusou-se a baixar mais uma para obter o ressarcimento do que gasta cobrindo riscos tomados pela iniciativa privada. Fez alguma coisa mandando um projeto de lei ao Congresso, mas passará um bom tempo até que as empresas sejam obrigadas a coçar a carteira. (Trinta por cento dos pacientes de pronto-socorro nas grandes cidades são clientes de empresas privadas.)

Vive-se uma situação na qual um louco da Colônia Juliano Moreira, no Rio, custa R\$ 1.200 por mês. A esse preço, aluga-se (depois de uma boa negociação) um apartamento num bom hotel de Brasília. Talvez fosse o caso de trocar. O pessoal da Juliano Moreira iria para Brasília e a turma de Brasília passaria um tempo descansando no hospício.